

PROCEDER NA ETNOGRAFIA: REFLEXÕES SOBRE UMA ETNOGRAFIA NA *QUEBRADA*

Marcos Vinícius Guidotti Silva.
vinicius1marcos@hotmail.com
FAPESP
UFSCar
Graduando

Como estudante de Ciências Sociais que morou vinte e dois anos em uma periferia na zona sul de São Paulo, pretendo com este paper apresentar os desafios políticos e teórico-metodológicos encontrados durante o desenvolvimento de um trabalho junto a uma *turma* de *baloeiros* – agrupamento de pessoas que se organizam em torno do interesse comum de fazer, soltar e resgatar balões – dessa mesma região. Destaco minha trajetória de morador a pesquisador; a maneira que construí um *proceder* de pesquisa como recurso metodológico, utilizado tanto no desenvolvimento do trabalho de campo quanto na escrita do texto; por fim, como o conceito de *caminha* também foi central para desenvolver o trabalho. Ressalto que o dialeto das *quebradas* está inserido no texto e assim como as falas de meus interlocutores está referenciado pelo itálico.

Palavras chave: favelas, quebradas, proceder e etnografia.

INTRODUÇÃO: DA FAVELA PRA FACULDADE

Este texto é fruto da minha *correria*⁶¹, e começo destacando dois interesses fundamentais nela. O primeiro surge quando ingressei pelas cotas raciais no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no ano de 2011. Já no primeiro ano de faculdade me interessei pelos trabalhos que tinham por resultado textos etnográficos. Esse interesse foi aumentando com o passar do tempo, conforme tomei contato com os professores do departamento de Antropologia.

O outro interesse já é mais antigo, decorre do fato de eu ter morado vinte e dois anos em uma *quebrada*⁶² de São Paulo. Desde *mulequinho* me interessei pelos acontecimentos da

⁶¹*Correria* nas periferias de São Paulo é um jeito de se referir à ação (é o fazer algo). Por exemplo, na profissão de um motoboy a sua *correria* é fazer entregas pela cidade adentrando os corredores de carros no trânsito da capital paulista. A *correria* também é um compromisso, uma ação que você se compromete a realizar. A minha *correria* destacada aqui se refere ao meu curso e a pesquisa que desenvolvi com os *baloeiros* durante os anos de graduação

⁶²*Quebrada* é um dialeto dos moradores dos bairros periféricos e favelas de São Paulo. Nesse paper ele especificamente se refere a certas localidades específicas da cidade. Aquelas que se chamam também por periferias, principalmente pelos não moradores. No entanto vale ressaltar que, em campo, *quebrada* não é

favela que me rodeava, por exemplo, as histórias da *época* dos *bailes black* nos anos de 1980, contadas pelos meus tios. *Época* do *extravaso*, eles insistiam em dizer: “*Era só extravaso, muita malandragem, os caras usavam muita droga, era muita mina, tinha alegria, mas só que era muita morte.*” Outra lembrança que tenho na minha *caminhada* é do ano de 1998, quando na escola, um amigo que descia do *morro* trouxe, em seu Discman, uma cópia pirata do *Sobrevivendo no Inferno*, cd do grupo de rap Racionais MC’S. Esse disco contém músicas que foram marcantes para mim, como *Diário de Um Detento*, *Formula Mágica da Paz* e *Capítulo 4 Versículo 3*.

Foi inevitável estabelecer conexões entre as letras cantadas pelos *Racionais*, as histórias dos meus tios e o que acontecia na *quebrada* no final da década 1990. Tenho o *Sobrevivendo no Inferno* como a primeira obra artística vinda da *favela* que me possibilitou refletir o que é morar em uma periferia e quais as implicações disso. Portanto, ao entrar na faculdade as *favelas* e a vida de seus moradores já eram temas de interesse, mas não os via, nem os formulava, como um assunto de pesquisa. Isso só foi acontecer na IX Semana de Ciências Sociais da UFSCar, durante o minicurso de Antropologia das Relações de Poder, ministrado pelo professor Jorge Villela.

Devido a compromissos do professor, as duas primeiras aulas do minicurso ficaram por conta do doutorando Adalton Marques. No decorrer das discussões, para pensarmos as estratégias de produção da “verdade”, Adalton deu exemplos presentes na sua dissertação de mestrado sobre os *debates* - sucintamente entendidos aqui como disputas entre sujeitos, em que se cobram posições claras acerca da “verdade” (Marques, 2010: 73) - envolvendo *ladrões*. Ao final de sua exposição, não me contive e fiz um comentário sobre um *debate* acontecido na minha *quebrada* - uma batida de carros que desencadeou uma disputa entre os envolvidos, visando definir quem tinha a *razão*. Quando descrevi a ambientação, Adalton se surpreendeu,

simplesmente um sinônimo de favela, ou periferia. Ser de *quebrada* atende a outros sentidos, diferentes das determinações de CEP ou dos pontos cardeais da cidade, como mostra Marques (2012: 5). Para o autor: isso tem mais a ver com algo que se aproxima daquilo que podemos chamar de *sentimento*; “um *sentimento* de pertencimento alguns diriam”. Mas para nos esquivarmos de um completo equívoco, entendamos tal *sentimento* enquanto algo que deriva de um agenciamento coletivo.

pois eu falava da mesma região do bairro que ele morava em São Paulo. Logo percebemos que conhecíamos pessoas em comum e que nossas casas ficavam em ruas próximas.

Vendo as aulas do Adalton naquele curso, conhecendo mais seu trabalho e de outros pesquisadores – como: Biondi (2010), Barbosa (1998) e Hirata (2010) –, percebi que poderia falar de *favelas* através de um trabalho etnográfico. Posteriormente, lendo outros textos sobre periferia (Feltran, 2011; Malvasi, 2012, Adorno e Salla, 2007), percebi que a “violência” e a “criminalidade” se faziam centrais no debate bibliográfico atual. Guardada a total relevância desses temas para compreender as periferias, meu interesse, entretanto, fugia de tais temáticas. Pois, vivendo vinte e dois anos em uma *quebrada*, percebi que se as *favelas* são muitas vezes pensadas como o “lugar da criminalidade” ou da “violência”, elas também podem ser vistas, e principalmente vivenciadas, de tantas outras maneiras. Como me disse, algum tempo depois, uma interlocutora: *O crime existe, mas olha em volta, olha esse tanto de criança e de gente que vive aqui! Existem coisas aqui que vão muito além do crime.*

Com esse foco, procurei o professor Gabriel Feltran e marcamos algumas reuniões. Nos encontros basicamente falávamos sobre possíveis temas de pesquisa para uma iniciação científica. O que mais chamou atenção do professor foi um grupo específico de moradores que eu conhecia da *favela*, e formavam uma *turma* de *baloeiros*. Ao procurá-los para obter informações prévias à pesquisa, os *baloeiros* me disseram que fazer balões e soltá-los não era crime ambiental, como prevê o Artigo 42 da Lei **Federal 9.605 de 1998**, mas sim uma *arte*. Ao levar a sério esse discurso, percebi que pensar essa *arte* seria um caminho rentável para produzir uma reflexão das periferias sem necessariamente passar pelos temas da “violência” e “criminalidade”.

DESENVOLVIMENTO: DA FACULDADE PRA FAVELA

Tomando como objeto essa *turma* de *baloeiros*, fiz um trabalho de campo no segundo ano do curso. Nessa experiência algumas questões se colocaram. A primeira era definir como abordar a periferia. No campo, vi a *quebrada* manifestar-se através de uma multiplicidade de relações. Desde aquelas entre moradores e instituições – a *favela* como investida de ações de ONGs e de programas governamentais – até as dos moradores com outras partes da cidade,

com o *crime*, a repressão policial e a *quebrada* como local de intensa produção artística. Um rapper da região me dizia “*que tudo é de quebrada, tudo é relação de quebrada, anota aí, anota aí*”. Ao tomar nota dessa afirmação, a questão colocada era falar das relações de *quebradas* sem homogeneizar o que se faz múltiplo, e, sem cair na relativização do tema.

Fui encontrando soluções para essa problemática no próprio campo e dialogando com a literatura antropológica de etnografia. Pois, como sugere Peirano:

“A obra de um antropólogo não se desenvolve, portanto, linearmente; ela revela nuances etnográfico-teóricas que resultam não apenas do tipo de escrita que sempre foi energizada pela experiência de campo [...], mas também do momento específico da carreira do pesquisador, em determinado contexto histórico e a partir de peculiaridades biográficas”. (Peirano, 1999: 39)

Levando em conta essas questões, minha reflexão se voltou para as relações de *quebradas* à medida que os *baloeiros* se relacionam com outros moradores da *favela*, com outros espaços e sujeitos da cidade. Para não homogeneizar tais relações, nem relativiza-las, adotei um movimento metodológico e analítico inspirado naquilo Marques e Villela (2005) expõem. Ao trabalharem com famílias sertanejas em Pernambuco, os autores exprimem um aspecto pouco ortodoxo em suas reflexões, que é que é um não compromisso com uma “verdade única”, nem a composição de um “todo coerente” (Marques, 2002; Villela, 2008). Trata-se de uma espécie de ênfase na ideia de perspectiva; eles destacam que só puderam ver aquilo que seus interlocutores lhes permitiram conhecer. Sabendo não ser exequível pensar a *quebrada* como um “todo coerente” nem buscar sua “verdade única”, viabilizei a etnografia pelo ponto de vista dos *baloeiros*.

Dessa forma, utilizo o termo nativo de *caminhada* como conceito para descrever esse movimento reflexivo. A *caminhada* de um sujeito na *quebrada* está ligada à sua trajetória – a maneira como a pessoa se envolve nas relações⁶³. Nesse sentido minha *caminhada* envolve todos os aspectos do meu trabalho de campo, e posteriormente o texto que dele resultou.

⁶³ Ferraz de Lima, ao etnografar as mulheres de membros do Primeiro Comando da Capital, percebe outros sentidos atribuídos ao termo, como: extensão ou difusão de alguma narrativa; dimensão temporal; solo “ético” e “moral” para a produção do *proceder* da “mulher fiel” (2013: 38).

Biondi (2010: 33) enfatiza que, entre seus interlocutores, dizer que está na mesma *caminhada* corresponde ao compartilhamento de um mesmo rumo, mas que cada sujeito faz a sua própria *caminhada*. Minha *caminhada* de pesquisar a *quebrada corria junto com baloeiros*, pois mesmo tendo uma motivação diferente da deles ao acompanhar a *arte* do balão, foi *correndo junto* com eles que eu tive acesso às suas relações com *turmas baloeiros* de outras *quebradas* - nos *resgastes* ou em solturas de balões -, com outros moradores da *favela* no dia a dia, com as leis ambientais e a polícia.

Na condição de alguém que partilhou dos preceitos da *quebrada* como morador, construí uma ética própria para minha pesquisa. O fato é que na *favela* não pode ser *zé povinho*, ou seja, não pode falar demais da vida alheia, ao considerar isso precisei saber *chegar* e saber *sair*. Adotando essa posição, tornou-se uma questão política falar de *favelas* no ambiente acadêmico e manter as relações pessoais no lugar onde cresci. Ademais, partes significantes do cotidiano dos moradores são orientadas por aquilo que definem como *proceder*, esse conceito pode ser sucintamente compreendido como o comportamento adequado de um sujeito, sobre o qual recaem avaliações de seus iguais⁶⁴.

Construí, em campo, um *proceder* de pesquisa, deixando claros meus objetivos para os interlocutores. Expus que meu empreendimento não era uma pesquisa biográfica de vidas, que provavelmente seus nomes e o da *turma* talvez nem fossem mencionados, e que o objetivo da imersão em seus cotidianos era fazer uma reflexão etnográfica. Optei por algumas atitudes que a meu ver preservaram meus interlocutores de possíveis problemas futuros, como a recusa de oportunidades em acompanhar algumas operações policiais do Batalhão Ambiental da PM - setor da Polícia Militar que atende ocorrências envolvendo solturas e quedas de balões. Não obstante, mantive o *proceder* como recurso metodológico para a escrita etnográfica; omiti informações demasiadas para os objetivos da pesquisa, por exemplo, as localidades de onde os balões foram soltos, os contatos e processos necessários para encontrar um lugar de soltura, e, por fim, nem onde fica a *bancada* – local que os *baloeiros* fazem os balões e os guardam junto a outros objetos, geralmente é na casa ou galpão de um membro das *turmas*.

⁶⁴O trabalho de Adalton Marques (2010) apresenta um estudo profundo acerca do *proceder* do universo prisional e das relações entre os *ladrões*. Mesmo que o contexto estudado pelo autor seja diferente do proposto pela minha pesquisa, seu trabalho é essencial para entendermos as dinâmicas que envolvem as ideias em torno do *proceder*.

Em dado momento em campo, quando me sentava para escrever os diários de campo, os desafios metodológicos descritos acima me levaram questionar o quão produtivo, ou não, era a minha condição de morador para fazer uma pesquisa com outros moradores. A questão era se o saber que estava produzindo no fim das contas não seria apenas a versão do saber “nativo” com uma roupagem acadêmica. Busquei na teoria etnográfica um ponto de apoio para pensar isso. Strathern no texto *The Limits of Auto-Anthropology* (1987), ao refletir as implicações teórico-metodológicas de fazer uma pesquisa “em casa” – quando os pesquisadores partilham das mesmas dinâmicas sociais e culturais de seus interlocutores -, verifica dificuldades em estabelecer as distâncias que marcam o contínuo cultural/social entre pesquisador e seus interlocutores. A autora define o conceito de “casa” da seguinte maneira:

“Considero um modo de recuperar o conceito de “casa” de medições impossíveis de graus de familiaridade. O contínuo obscurece uma ruptura conceitual. O que deve-se saber é se o pesquisador ou pesquisado estão igualmente à vontade com as premissas sobre a vida social que informam a pesquisa antropológica” (Strathern, 1987: pag. 16. tradução minha).

Utilizando-me dessa ferramenta stratherniana, busquei uma fenda para produzir a “ruptura conceitual” no “contínuo” entre eu e meus interlocutores, e a encontrei em nossas próprias *caminhadas*. Como disse anteriormente, mesmo *correndo junto* com os *baloeiros* nossos focos na *arte* do balão eram diferentes, eles diziam ser movidos pela *paixão* e *amor à arte*, enquanto eu buscava refletir a periferia partindo de seus pontos de vista. O resultado que busquei construir combinando nossas *caminhadas* foi o processamento etnográfico daquilo que meus interlocutores informavam, e uma consequente produção de um conhecimento diferente daqueles que eu e eles tínhamos da *favela* e da *arte* do balão.

CONCLUSÃO: COLANDO A BANDEIRA

Alinhando-se à proposta do grupo de trabalho que este paper será apresentando, ele não é um texto pronto, mas sim reflexões em desenvolvimento. Então para dar um tom de conclusão à exposição das ferramentas metodológicas que utilizei no meu campo e que pretendo continuar desenvolver na monografia e durante o mestrado que visio fazer na UFSCar, descrevo a maneira que trabalhei os dados de campo da minha iniciação científica.



(Figura 1. Balão Bagdá 25m, Jesus. Turma Gênios)

Nessa imagem vê-se um balão levando uma *bandeira* que tem como tema o rosto de Jesus Cristo. A bandeira é feita de pequenos pedaços quadriculados de folhas de seda coloridas. Quando acompanhei sua confecção não conseguia identificar desenho nenhum, via apenas recortes de seda colados uns aos outros. Somente quando o balão subiu, e a bandeira se estendeu, pude vislumbrar um lindo desenho se formando na minha frente. Pensei os pequenos recortes de papel como se fossem pixels, que, vistos isolados só mostravam uma cor, mas, em conjunto - e com a bandeira esticada - tomavam a forma do tema escolhido pela *turma*.

Posso dizer que sem dúvida, meus dados de campo se parecem e muito com esses pequenos recortes de seda. Cada dado solto era só um dado, mas quando eu sentei para refletir tudo o que percebi em campo, o campo foi se (re)constituindo e a reflexão tomando forma; meu trabalho era colar pedaço por pedaço. E a minha vivência como morador fazia sentido nesse processo, pois muitos dos dados só tinham sentido conectados, ou colados, a outras experiências vividas que eu controlava pelo processamento etnográfico referenciado acima.

Com isso contrastava a experiência de morador com a de pesquisador sobre minha *bancada* – em referencia ao lugar onde os *baloeiros* fazem a *bandeira* e os balões-, produzindo um conhecimento da *favela* pelo viés etnográfico. Arrisco-me dizer, que o trabalho desenvolvido na minha iniciação científica é a minha *bandeira*, e da mesma maneira que um balão solto traz consigo o início do projeto de um novo balão (escolha do tema, confecção e soltura), as ideias e ferramentas teórico-metodológicas, iniciadas na minha graduação, abrem o caminho para novos desafios e desenvolvimento de um mestrado que “soltará” outras ideias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Sérgio; SALLA, Fernando. 2007. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. Estudos Avançados. São Paulo. vol.21. nº 61.p. 7-29.
- BARBOSA, Antônio Rafael. 1998. Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói: Eduff.
- BIONDI, Karina. 2011. Junto e misturado: uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome/ FAPESP.
- FELTRAN, Gabriel. 2011. Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP. CEM: CEBRAP.
- FERRAZ de LIMA, Jacqueline. 2013. Mulher Fiel: As famílias das mulheres dos presos relacionados ao Primeiro Comando da Capital. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos.
- HIRATA, Daniel. 2010. Sobreviver na Adversidade: entre o mercado e a vida. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- MALVASI, Paulo. 2012. Interfaces da Vida Loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MARQUES, Adalton. 2012. “Maior Respeito” e “cuidado com as palavras”: considerações de moradores sobre as transformações nas periferias de São Paulo, uma tendência nas favelas de existir um maior cuidado entre as palavras ditas e respeito entre moradores das quebradas. 36º Encontro Anual da Anpocs, 36. Águas de Lindóia – SP. Anais.

_____. 2010. Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir das relações entre os ladrões. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

MARQUES, Ana Claudia. 2002. Intrigas e Questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UFRJ, Núcleo de Antropologia da Política.

_____; VILLELA, Jorge. 2005. O Que Se Diz O Que Se Escreve. Etnografia e trabalho de campo no sertão de Pernambuco. Revista de Antropologia, V.48, p. 37 -74.

PEIRANO, Mariza. 1995. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

STRATHERN, Marilyn. 1987. The Limits of Auto-Anthropology. In: Anthony Jackson, (org.), Anthropology at Home. London, Tavistock, 1987.

VILLELA, Jorge. 2008. Política e Eleições no Sertão de Pernambuco: O povo em armas. Fortaleza: Universidade Federal do Ceara/Fucap/CNPq- Pronex; Campinas: Pontes Editores.